SUMMRIO.

Conhecimentos-uteis: Colonias — Banco-de-Lisboa — Instrucção-publica — Zoologia domestica (O carneiro, a ovelha, e a cabra) — Apanha da azeitona. Parte litteraria: Viagens na minha terra (capitulo XLIV) — Theatro-nacional (Miguel Angelo, drama em 5 actos e 1 prologo) — A Madrugada (Poesia). Variedades: O juramento de Hyppocrates — Os banhos-do-mar — Correio-Extrangeiro — Correio-Nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

COLONIAS.

845 A Revista tem-se occupado repetidas vezes com o importante objecto do melhoramento das nossas colonias. Por último, no n.º 6 do presente volume, tractei extensamente d'este assumpto, e ahi ficaram apontados muitos alvitres uteis, e entre elles o pensamento da creação de uma grande companhia fundada pela aggregação de tres interesses — Estado, proprietarios da colonia, capitalistas da metropoli — cuja reunião sería em quanto a mim necessaria para haver de produzir os grandes resultados, que nenhum d'estes interesses isolados poderá nunca imprehender nem produzir.

Por occasião de uma correspondencia que abaixo transcreverei, volto hoje ao assumpto. Nunca é demais o que se insiste em proveito do paiz, em remediar os seus males, em reclamar-lhe providencias.

Todas as nossas colonias teem estado sempre quasi abandonadas a si mesmo: as africanas, que são as mais riccas d'ellas, nem por mais proximas teem merecido verdadeiro disvello, alvitres reaes de melhoramento; mas de todas, parece que as d'Africa-oriental são as mais desprezadas.

Ora, assim como eu não intendo que se conserve uma repartição do Estado inutil, ou que por circumstancias não queiram aproveitar para aquillo que ella foi instituida; porque é onus dispensavel, ou antes repugnante na presença de economias n'outros pontos severas; tambem não posso intender para que nos sirvam as colonias, se em vez de nos apreveitar gravam ainda o Estado. Não se assustem porém alguns dos leitores: eu quero colonias. Vejamos.

Para tres coisas podem servir as colonias: para o commercio, para emprego dos homens que sobejam da metropoli, para augmento do rendimento do Estado. Em quanto a commercio, sabe-se que se teem passado dois annos sem aportar um navio ao principal porto dos nossos dominios d'Africa-occidental (1). Para a Asia apenas me consta de algum raro navio, e quasi que exclusivamente para Macau. Para Moçambique não sei que la appareçam, de ordinario, senão alguns navios de guerra por escalla. Pelo que repeita a emprego de homens, apezar do muito que nas colonias haveria em que occupal-os, parece até que não se acredita na possibilidade de la se podêr viver. A emigração do reino e ilhas adjacentes é toda para o Brazil. Custa mesmo a achar gente proba que queira ser empregada nas nossas colonias africanas. Sacerdotes, não ha nenhum que se offereça a ir para la doutrinar aquelles povos. Quasi que em todos os cargos de especialidade intellectual não se encontra alli uma capacidade da metropoli. Está nos povos d'aqui incutido um terror pannico: para elles, essas terras são terras de degradados; as *carneiradas* não deixam folego vivo; Africa é o torrão malditto da raça de Caim. E nem povos nem governos mostram conhecer que aquelle solo, aquelles climas, são capazes de todas as melhores producções da terra; que uma grande parte dos generos mais procurados nos mercados do mundo, os ha alli quasi espontaneos; que emfim os productos artificiaes podem la ser tam importantes como são os naturaes.

Quasi todos os males das nossas provincias africanas provêem d'este terror que nos affugenta d'ellas. A sua civilização, os melhoramentos materiaes, expulsariam a maior parte d'esses males. Hoje não ha pestes na Europa, e ainda não ha muitos seculos que este terrivel mal despovoava cidades inteiras. Doenças endemicas ha-as em toda a parte.

Vejamos por último se as nossas colonias rendem alguma coisa para o thesoiro da metropoli. Poderiam render muito, pelo menos indirectamente; mas directamente, é verba que se não encontra nos orçamentos. Em resultado, vemos que as nossas possessões d'Africa e d'Asia, com uma superficie de 473,000 milhas, teem apenas uma população de 1,600,000 almas com so 118,000 brancos; e que o nosso commercio de importação e exportação com ellas, não monta annualmente a mais de 307:052$339 réis (2). Á vista de tal resultado quem não concordará na urgencia de uma de duas coisas: ou que melhoremos e aproveitemos as nossas colonias, se isso é possivel; ou senão é, que nos desfaçamos d'ellas por inuteis.

(1) Mem. do Sr. Arsenio, na *Revolução de Setembro.*

(2) Extrahi as cifras geographicas da statistica de Balbi e o valor da somma commercial dos 'Mappas geraes do commercio de Portugal,' publicados em 1844, relativos ao anno de 1842.

Quando se faz assim a autopsia d'este cadaver chamado Portugal, o scalpello, que é a penna, treme na mão do operador. Em 1796 ainda o commercio de Portugal com as suas colonias, não contando o Brazil, montava a 2,234:633$262 réis; e em 1806 chegou a 4,350:379$675 réis! Do mesmo modo se analysarmos os orçamentos de 1813 a 1816 acharemos as nossas alfandegas rendendo de 3 a 4,000 contos; mas a decima apenas de 500 á 700 contos; o tabaco pouco mais de 1,300 contos; e assim a nossa receita ordinaria não chegava a 8,000 contos, e a despeza pouco excedia a 9,000 contos, sendo o deficit supprido pela receita extraordinaria; e tinhamos então um exercito de mais de 40,000 homens classificados em 1.ª linha. De então para ca a receita so se tem augmentado ou supprido a podêr de tributos, e a despeza crescido, necessariamente, por meio de desperdicio; porque se n'esse tempo não tinhamos uma divida cujo juro nos absorve agora mais de um terço da receita publica, tambem hoje não temos mais da quarta parte das bayonetas que tinhamos então.

Estas indicações so bastam para fazer ver que temos marchado erradamente: que não ha ramo em que o paiz não precise ser organizado. Mas, continuando especialmente no que respeita ás colonias, a sua posição relativa é tanto mais de lamentar quanto mais diligenceiam hoje as outras nações que as teem, emancipal-as, melhoral-as, utilizal-as. Agora mesmo se está formando em Londres uma companhia poderosa e de grandes recursos, debaixo da presidencia de Mr. Barclay, membro do parlamento, e á qual se tem ajunctado os chefes das principaes casas de commercio da *City*, com o fim de procurar todos os meios de fazer prosperar as colonias inglezas. E ainda outra companhia se acaba de formar particularmente consagrada á cultura da canna d'assucar nas ilhas d'Oeste. Seria este, por exemplo, um genero de que as nossas colonias africanas poderiam tirar uma grande utilidade. Todo o assucar que nós consummimos nos vem do Brazil, mas os braços para elle la se fabricar vão das nossas colonias! Se a canna d'assucar se cultivasse em Cabo-verde, Angola etc., se os prodigiosos meios mecanicos de que hoje dispõe a industria, alli se empregassem para obter tam ricco producto, colonias e metropoli teriam achado uma nova fonte de riqueza dos mais valiosos resultados. A Inglaterra acaba de fazer livre o commercio dos assucares: os Estados-unidos reduziram 50 por cento os direitos d'este genero; e nós que poderamos aproveitar uma boa parte d'estas concessões gigantescas; deixâmos, por incuria nossa, caminhar o mundo a um novo estado commercial e economico, e ficâmos a ralhar, a ralhar, sem nada fazermos...

O assucar foi um genero que me lembrou, um dos que hoje me parecem mais importantes; podia egualmente lembrar-me da urzella, do café, etc. etc. É tempo porém de deixar fallar o correspondente:

« *Sr. Redactor.* — Rogo-lhe encarecidamente o obsequio de inserir no seu acreditado jornal, e que tão dignamente redige, estas insignificantes linhas, cuja inserção muito agradecerei.

> 'Nem tudo será eivado do phrenesi do seculo, nem será tudo politica no nosso reino. N'este vortice immenso, em que girâmos, onde mais vezes se debatem as paixões que os interesses do paiz, tambem alguma cousa se podia fazer surgir de verdadeira utilidade.'
>
> (*Rev. Univ. Lisb. pag.* 562.)

« Excitado por uma extremosa saudade, e amor patrio, não posso deixar de sollicitar providencias afavor da minha triste e desgraçada terra. Falla-se de quasi todas as possessões ultramarinas, tanto asiaticas como africanas, mas deixam-se outras sepultadas no silencio, uma das quaes é Rio-de-Senna minha patria, n'Africa Oriental, aliás digna por todos os respeitos da maior sollicitude do governo. Pareceu-me pois conveniente fallar em pró d'esta capitania para demonstrar até que ponto poderia chegar a utilidade que d'ella se poderia tirar, e quanto importaria no actual estado do paiz promover a organização d'esta colonia.

« Em Rio-de-Sena, Moçambique, Sofala, Quilimane etc. perde-se muita mocidade, que poderia ser lucrativa á sua patria, e á nação, senão fôra a apathia dos governadores, e a falta de medidas em que se empreguem os braços, e a introducção de melhoramentos que adoçem o clima e fertilizem o torrão. O homem alli so com o maior custo chega a colher da terra que trabalha incessante, os meios de matar a fome; e se não fosse dotado de coragem para resistir á dureza do clima, e d'estes trabalhos, decerto iria morrer aos sertões. É o que acontece a todos os povos que se deixam dormir negligentemente e não curam de melhorar os meios que a natureza lhes deu para poderem ser felizes. Estas possessões cuja situação é excellente para o commercio, agricultura e industria, podiam-se elevar a um ele-

vadissimo grau de prosperidade. Minas d'ouro, prata, e toda a sorte de metaes, são alli abundantissimos! E é cousa inexplicavel!.. os paizes mais ricamente dotados pela natureza, são aquelles que deixam dormir no esquecimento, e onde a preguiça parece haver estabelecido o seu imperio.

« O ex-governador, e coronel, o Sr. José Francisco Alves Barbosa, que durante o seu governo alli, fez com que aquella capitania de Rio-de-Sena apresentasse por alguns annos um aspecto ameno, tornando-se Tetes sua capital quasi uma cidade civilisada, e cujas obras la estão impressas e abençoadas na memoria de todos; por effeito de vicissitudes politicas e dos annos que o sobrecarregavam, foi obrigado aquelle benemerito e insigne servidor da nação portugueza a retirar-se e vir estabelecer-se na commarca d'Angra do Heroismo. A sua ausencia fez despertar os mais vivos sentimentos de uma eterna saudade. Hoje, é necessario que se olhe por aquella possessão portugueza; pois não devem faltar individuos europeus, que sejam capazes de a fazer prosperar, e queiram concorrer para se realizar n'aquella capitania uma companhia indigena, fazer construir edificios, estabelecer escholas, fomentar a união da raça europea com a africana, augmentar a povoação, melhorar o commercio e a industria d'aquelle paiz.

« Quantos mancebos do archipelago dos Açores, esperançados em colher interesses da fortuna, vão para o Brazil, porque não encontram no seu territorio emprego algum, e la em terra extranha se subjeitam a ser vendidos por aquelles mesmos a quem elles libertaram!? Quando estes pobres emigrados poderiam ser vantajosamente empregados n'aquella esquecida e desprezada possessão da Africa-oriental! Mormente sendo muitos d'elles instruidos em bons principios! Talvez que acordar fossem aquella capitania do profundo somno, em que está submersa, e pozessem termo ás perigosas circumstancias, em que ella se acha; e com proveito proprio viessem assim a fazer um grande serviço ao seu paiz! »

Um Africano Oriental.

BANCO-DE-LISBOA.

846 Da conta publicada por este estabelecimento relativa á segunda quinzena do mez de settembro, resulta o seguinte:

Notas actualmente em circulação...	3,131:500$800
D.as capitalizadas n'esta quinzena. .	27:283$600
D.as pagas, idem.....	40:686$000
Foram tiradas da circulação idem. .	67:969$600
Diminuiram os depositos idem.....	80:885$566
Pagou-se de dividendos idem.....	1:100$000
Diminuiu a sua responsabilidade, id.	122:671$566
O governo é devedor ao Banco da quantia de.....	4,924:130$578
O Banco tem imprestado sobre as suas mesmas acções, a quantia de ...	615:204$800
D.o sobre penhores d'oiro, prata, brilhantes, fundos do governo e acções de companhias.....	822:462$447
Lettras da Companhia Confiança-Nacional.....	973:000$000
D.as do contracto do Tabaco findo, extrangeiras e nacionoes.....	904:174$242
Supprimentos á caixa-filial do Porto, á Casa-da-moeda e em Londres...	442:369$830
Valores em ser: oiro em moeda e cerceado, prata, cobre e outros objectos.....	1,260:075$556
Total do credito do Banco.....	9,941:417$453

N'algumas d'estas quantias ha uma parte em papel.

O excedente do credito em 18 de settembro era de.....	5,289:049$767
Ficou sendo em 2 do corrente.....	5,300:123$028

Em seguida darei um specimen das contas semanaes do Banco d'Inglaterra:

« Demonstração relativa á semana de... a..., na conformidade do regulamento... cap. 23.

Repartição d'emissão.

Notas em circulação Lib.....	28,087,055	Divida do governo Lib.....	11,015,100
		Outras garantias...	2,984,900
		Oiro cunhado e em barra.....	12,493,444
		Prata em barra...	1,593,611
	28,087,055		28,087,055

Repartição de transacções.

Capital, Lib.....	14,553,000	Penhores do governo (*diz quaes são*) Lib.....	13,539,720
Remanecente.....	3,127,278	Outros penhores...	11,426,720
Depositos publicos (*diz quaes são*). .	7,366,643	Obrigações.....	8,414,125
Outros depositos. .	8,037,320	Oiro e prata cunhados.....	714,566
Lettras.....	1,015,166		
	34,099,407		34,099,407

Não dou outro specimen egual das contas do Banco de França porque são muito mais circumstancia das e complicadas.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

847 Alumnos premiados na eschola medico-cirurgica no anno lectivo de 45 a 46.

Phisiologia.

João Felix Pereira.

Materia medica.

Thomas José d'Aquino Soares.

Operações.

Faria Leal.

Miguel Januario Fernandes Branco.

Pathologia interna.

Miguel Januario Fernandes Branco.

Materia medica e pharmacia.

João José de Sousa Telles.

Silva Abranches.

ZOOLOGIA DOMESTICA.

II

O CARNEIRO, A OVELHA, E A CABRA.

848 De todos os animaes que o homem tem sabido fazer servir para seu uso, o mais docil, o mais timido e o mais estupido d'elles é o carneiro.

Em geral a maior parte dos animaes preveem o perigo, e o evitam, ou procuram subtrahir-se-lhe: não acontece assim ao carneiro. Quando estes animaes estão reunidos em rebanhos, o menor motim os espanta, e exprimem o medo que sentem, precipitando-se, e apertando-se de encontro uns aos outros; mas pouco depois ficam immoveis na mesma posição sem procurarem fugir ao perigo que os ameaça. Quando estão expostos á chuva ou á geada, parece não comprehenderem o incommodo que soffrem; ficam onde estavam, e para os fazer mudar de logar é necessario que o pastor os obrigue. O que prova mais a timidez e imbecilidade d'este animal, é deixar sem resistencia que lhe furtem o filhinho, sem dar mostras de colera, e sem exprimir a sua pena, nem siquer com um grito differente do seu costumado balido.

As cabras que em tantas coisas se parecem com os carneiros, tem muito mais espirito e sentimento, pelo menos sabem-se conduzir, e evitam os perigos. Quando sentem algum medo grande, vem ter com o homem e familiarizam se com elle: ao passo que a ovelha não sabe nem fugir, nem chegar-se. Não se póde dizer comtudo que este animal é inteiramente destituido de instincto, pois ve-se que o cordeirinho procura e reconhece sua mãe entre um numeroso rebanho.

Os carneiros tem o pé fendido. São de temperamento mui debil; não podem andar muito; as caminhadas os enfraquecem. Assim que correm ficam logo sem folego e prostrados. O calor intenso e os raios do sol, os incommodam tanto como a humidade, o frio, e a geada. São subjeitos a grande numero de doenças, a maior parte das quaes são contagiosas: a excessiva gordura fal-os morrer.

Para criar os carneiros ajuncta-se certo numero d'elles, e entregam-se a um pastor. O pastor leva-os aos campos, escolhe o sitio mais vantajoso para a pastagem; e quando julga que é preciso, guia-os para outra parte, ou para que tenham pasto mais abundante, ou para se refugiarem da chuva, ou abrigarem do sol. Este pastor costuma trazer um cajado na mão de que se serve para atirar torrões de terra aos carneiros que se desviam e fazel-os voltar. Anda sempre acompanhado de cães de uma especie particular, que se chamam *cães de gado*, ou rafeiros, e que são dotados de um instincto admiravel para guardar os rebanhos. É coisa summamente curiosa ver a intelligencia e actividade d'estes animaes; elles tem continuamente os olhos fitos em seu dono; penetram o seu olhar, e á menor palavra, ao mais leve signal, correm, param, vem por-se atraz do pastor, executam as suas ordens, lançam-se adiante ou atraz do rebanho, para demorar ou apressar a marcha d'elle; correm sobre as ovelhas que repontam, perseguem as que ficam atraz, e mordem nas para as fazer reunir ao rebanho. Sem o auxilio d'estes animaes intelligentes sería bem difficil ao pastor governar o seu rebanho. O cão é tão activo, tão zeloso, tão cheio de instincto, que sabe so por si os carneiros que deve vigiar; não lhes deixa commetter estragos nas terras semeadas, e n'uma palavra, quando está bem ensinado adivinha tão bem tudo o que deve fazer, que o dono quasi que não tem nada a ordenar-lhe.

O filho da ovelha chama-se *cordeiro* e borrego, em quanto se não tosquia. É um bonito animalzinho que agrada sempre aos meninos. É tão docil, tão pacifico, que os meninos se chegam a elle com enthusiasmo, e lhe fazem caricias, sem o minimo receio. É por ésta razão que quando se quer exprimir a docilidade de alguem, se costuma dizer: *é manso como um borrego.* Os cordeiros costumam mamar 6 semanas ou 2 mezes. Quando teem adquirido sufficientes fôrças, e começam a saltar, deixam-se então seguir as mães ao campo.

A carne do carneiro é muito delicada. Mandam-se para o açougue os que nascem fracos, e para criar so se deixam os mais corpulentos, vigorosos, e cheios de lan.

A ovelha conserva o leite 7 ou 8 mezes, e em abundancia. Este leite é excellente nutrição para as crianças, e gente do campo. Serve tambem para se fazerem muito bons queijos, principalmente misturado com leite de vacca.

Entre as pessoas que comem carne de carneiro e andam cobertas com a sua lan, ha um grande numero que nem tem siquer indicios do cuidado que exige a criação d'este animal n'algumas terras mais agrestes. Daremos uma idea d'isto. No tempo de inverno sustentam-se os carneiros nos apriscos. Da-se-lhes semea, hortaliça, feno, palha, luzerna, trevo, folhas de alamo, de freixo, etc. Fazem-se pastar todos os dias, se acaso o tempo não está muito mau; mas isto é mais para os passear do que para os nutrir. N'esta má estação, não são levados ao campo senão pelas 10 horas da manhan, e voltam ás 3 da tarde. Na primavera e outono é pelo contrario, sabem apenas o sol tem dissipado a neblina da manhan, e não tornam senão ao sol posto, mas tambem se lhes dá forragem nos apriscos: no verão é que elles comem so no campo. Fazem-se sahir de madrugada; espera-se que o orvalho tenha cahido para os deixar pastar por 4 ou 5 horas, depois levam-se a beber, e trazem-se para o redil, ou algum logar de sombra. Pelas 3 ou 4 horas da tarde, quando o calor principia a declinar, deixam-se pastar segunda vez até ao fim do dia. E algumas vezes até se deixam ficar de noite no campo, por que isso os torna mais vigorosos.

Preferem-se os terrenos seccos, e os logares altos,

para os pastorear, porque n'estes ha mais abundancia de serpão, e de outras hervas cheirosas; a carne do carneiro assim nutrido, é de muito melhor qualidade do que a dos que pastam em paeigos baixos e sitios humidos; mas em parte nenhuma é tão boa como nos pastos proximos do mar, porque todas as hervas são salgadas, e nada é mais salutar para os carneiros do que o sal, quando lhes é dado com moderação. O sal lisongeia-lhes o appetite, excita-lhes a sede, e fal-os engordar em pouco tempo. Em muitas partes metem-lhes um sacco cheio de sal nos apriscos, ou melhor, uma pedra salgada, que elles vão todos lamber.

Tosquia-se a lan aos carneiros uma vez cada anno, havendo cuidado de os lavar bem antes para que a lan seja o mais natural que possa ser; mas deixa-lhes uma pequena porção para os agasalhar do frio. Com ésta lan é que se fazem os vestidos com que nos cobrimos. Fazem-se tambem meias, cobertores, tapetes; n'uma palavra emprega-se em inumeraveis usos. De todas as diversas especies de lan, a branca é a mais estimada, porque se póde tingir de todas cores.

Da gordura do carneiro, é que se faz o sebo de que se fabricam as vellas. Tambem se tira um consideravel proveito do carneiro, fazendo-o residir nas terras que se querem mais productivas. O esterco, a urina, e o calor do corpo d'estes animaes, formam um estrume que faz em pouco tempo ubertosas as terras que tinham cessado de ser ferteis. Em fim a carne do carneiro é uma comida muito estimada e sadia. A sua pelle guarnecida de pello é um forro muito quente; curtida, com o nome de carneira, serve para encadernar livros, cobrir moveis, fazer çapatos, e para muitas outras coisas.

Por aqui se ve quanto o carneiro ainda que falto de senso, e destituido das qualidades que distinguem os outros animaes, presta, todavia, grandes serviços ao homem. Elle só, era bastante para as suas precisões da primeira necessidade; porque lhe fornece alimento e vestuario. Se a isto se ajunctarem todas as vantagens particulares que se obtem do seu sebo, do leite da ovelha, da sua pelle, e do seu esterco; hade reconhecer-se que este animal deve ser posto na primeira classe entre os animaes uteis.

A especie dos carneiros varia infinitamente segundo os paizes. Em Portugal ha-os de diversos tammanhos, e maiores do que em França, onde ordinariamente teem 3 pés de cumprido e 1 pé e 9 polegadas de altura. São brancos, pardos, pretos e malhados; mas a maior quantidade é dos brancos, e são os que mais se procura criar, em razão do que acima dissemos da sua lan.

O carneiro falto de coragem, e de meios de defensa, necessita da protecção do homem para subsistir. Se deixassem vagar pelas campinas os rebanhos entregues a si mesmos, seriam em breve pasto dos animaes carnivoros, que incessantemente se affincam em persegui os, e que os empolgariam facilmamente.

A cabra tem alguma parecença com o carneiro no que toca ao cumprimento e altura do corpo; a conformidade de suas partes anteriores é tambem quasi em tudo similhante, as doenças que soffre são quasi as mesmas, sustenta-se da mesma fórma; mas ha comtudo numerosas differenças entre estes dois animaes. A cabra é cuberta de pello e não de lan; tem pontas compridas, nodosas, e reviradas para traz, tem um comprido molho de barbas, a cauda curta e o corpo delgado. Tem mais tino do que a ovelha; é mais forte, mais leve, mais agil, e menos timida; não receia como a ovelha, o mais intenso calor; dorme ao sol, e anda exposta aos seus mais ardentes raios, sem se incommodar; não tem medo das tempestades, nem da chuva; mas sente-se muito do rigor do frio; chega-se ao homem de boa vontade, e facilmente se familiariza com elle; é sensivel ás caricias, e capaz de affeição. Como ella gosta de se apartar a sitios solitarios, e de trepar para logares escarpados, de pôr-se, e até dormir sôbre os picos dos penedos e á borda dos precipicios, é bastantemente difficultoso pastoreal-a. Custa ajunctal-as no fato ou rebanho, e é quasi impossivel a um homem so guiar mais de 50 d'estes animaes reunidos. É naturalmente caprixosa; o que se conhece em todas as suas acções; anda, pára, corre, salta, pula, chega-se, aparta-se, esconde-se ou foge, sem outra causa mais do que a inconstante viveza do seu character. É preciso ver a ousadia e rapidez de todos os seus movimentos para bem se julgar da sua fôrça e destreza.

Algumas vezes apascentam-se junctamente com os carneiros; mas nunca param no centro, nem atraz, andam sempre adiante do rebanho. Como não gostam das planicies, é melhor pastoreal-as em separado pelos montes e outeiros. Fazem-se sahir de madrugada para as levar ao campo; a herva coberta de orvalho, que não é boa para os carneiros faz muito bem ás cabras; são de tam boa bócca que acham quasi em toda a parte que roer. Não se deixam sahir nos paizes agrestes em tempo de geada, porque o frio e a humidade lhes são damnosos; conservam-se nos apriscos em tempo de hinverno, e alimentam-se com herva, rebentões de arvores apanhadas no outouno, rastolho, e hortaliça. Ha cuidado de as afastar dos logares cultivados, e de embaraçar que entrem nos trigos, pomares e vinhas, porque fazem grandes estragos. As arvores a que roem os pimpolhos, ou a casca tenra, quasi sempre morrem; chegam aos ramos erguendo-se sôbre os pés de traz.

As cabras custam muito pouco a sustentar: não se lhes dá feno senão quando teem filhos: ordinariamente não tem mais de um, algumas vezes dois; mas nunca mais de quatro. Chamam-se *cabritos:* são uns bonitos animaesinhos, que a mãe amamenta por 1 mez ou 5 semanas. Quanto mais ella come maior é a porção do seu leite; para conservar ésta abundancia da-se-lhes muito de beber, e algumas vezes salitre ou agua-salgada. Ordenham-se á noite e pela manhan, e dão leite abundantemente por 4 ou 5 mezes. Calcula-se em 4 canadas a quantidade que podem dar por dia. Não se deixam mugir facilmente, nem mesmo pelos filhos para os quaes o seu leite é um excellente sustento: elle é mais saudavel e melhor do que o da ovelha, menos grosso do que a da vacca, porém mais do que o de burra. Faz engordar as pessoas magras, restabelece os estomagos delicados, e produz muito bons queijos.

A maior parte das cabras teem pontas, mas algumas não as tem: diz-se que éstas dão melhor leite. A cor d'estes animaes varia muito; ha-as brancas, pretas, loiras, e de outras muitas côres; as pretas julgam-se as mais robustas de todas.

A carne dos cabritos é tenra, e muito succosa; engordam-se da mesma forma que os carneiros; mas por mais cuidado que se tenha, e por mais alimento que se lhes dê, a sua carne nunca é tam boa como a o do carneiro.

As cabras receiam os sitios humidos, e os prados pantanosos. Nas planicies passam mal e a sua carne é de ma qualidade. Na maior parte dos climas quentes cria-se grande numero de cabras, sem redil. Em França morreriam se as não abrigassem no hinverno. Como a cabra receia a humidade, é necessario limpar cuidadosamente o seu redil, não a deixar nunca deitar em cima do esterco, e fazer-lhe todos os dias a cama.

A cabra tem 4 estomagos, e remoe como o boi: tem grande aversão á saliva e halito do homem; pelo que quando se lhe dá semea, pão, ou qualquer outra comida, é preciso evitar o bafejal-a, porque ella não lhe tocaria, a não ser muito instada pela fome.

O leite da cabra é excellente bebida; a sua carne me-se; a sua pelle quando curtida, é um coiro muito estimado; do seu pello fabricam-se estofos que são procurados; e aproveita-se tambem uma parte do seu pebo. É pois um animal infinitamente util ao homem.

(*Trad. do francez.*)

APANHA DA AZEITONA. *

849 Tendo lido os importantes artigos que sôbre ésta materia nos tem dado a Revista; e vendo o último d'elles, um artigo do Sr. Fernando da Costa Cardoso Pacheco e Ornellas, em que vem citado, em confirmação de sua doutrina, o concelho de Certan a que pertenço, julguei do meu dever dizer tambem alguma coisa em relação á prática d'este concelho e opinião dominante ácerca do objecto em questão.

É exacto que n'este concelho se usa apanhar a azeitona varejando as oliveiras; não se acredita mesmo na possibilidade de se apanhar á mão a azeitona sem uma despesa ruinosa para o lavrador. Tambem infelizmente é verdadeira a outra asserção, de que são alternadas n'este concelho as colheitas da azeitona.

Apezar da exactidão d'estes dois factos, em que se basea um dos argumentos contra o varejo da azeitona, ainda elle continúa a ser defendido por muitos dos lavradores meus vizinhos, não so pelo lado da economia, mas pelo lado da utilidade e maior abundancia.

Sim, dizem elles, a oliveira entre nós dá um anno sim, e outro não, mas n'esse anno dá tanto e mais do que daria na escassa colheita de dois annos; sendo mais economico, e melhor apanhar de uma vez so tanto como de duas.

Mais: citam-se exemplos de pobres e lavradores pequenos que por pouparem suas oliveiras tem deixado o varejo alguns annos; e a elle tem tornado, dizendo que desde que não varejam, não tiveram mais colheitas abundantes.

Um inteligente lavrador d'este concelho deffensor tambem do varejo explica este phenomeno, dizendo que a vara quebrando os ramitos que estão carregados de fructo, facilita o nascimento de outros, que são sem comparação mais fructiferos que os que ja deram azeitona.

Tendo exposto o que se passa em meu concelho tambem direi o meu humilde voto n'esta questão.

Poucos artigos tenho lido na Revista que me tenham dado tanto prazer, e merecido tanto interesse, como estes do Sr. Fernando da Costa relativos á apanha da azeitona e fabrico do azeite.

Segundo a prática estabelecida tenho até ésta última colheita usado do varejo; ha annos porém, para me servir da expressão do Sr. Ornellas, « este varejo me enoja e arripia » Açoitar, maltractar, e despedaçar a arvore que faz a melhor riqueza d'este concelho me parecia loucura e absurdo; no entanto embargado pelas difficuldades que se me apresentavam, so este anno (1845) tive coragem para vencer prejuizos, apartar-me do uso geral, e resistir a dictos Mandei no verão fazer escadas e apanhei a azeitona da última colheita toda a mão.

Devo declarar que tenho em vista ésta reforma ha annos e andava dispondo para ella as minhas oliveiras; arrancando muitas aonde eram bastas, e obrigando as que ficavam a tomar uma forma mais baixa e arredondada.

Não achei a apanha tam dispendiosa como eu pensava, mas mais do que diz o Sr. Fernando da Costa; póde isto comtudo proceder de ser miuda a nossa azeitona, e da ignorancia e falta de costume dos operarios.

Lembro-me de mandar vir alguns dos sitios de Castello-Branco para ensinar os d'aqui.

Rosier diz que a apanha da azeitona a mão ainda é mais barata que pelo varejo, por poder ser feita por mulheres, e crianças: porém n'estes sitios ella so poderá ser feita por homens, o que augmenta as despezas, e difficuldades. Seria muito de desejar que o Sr. Fernando da Costa désse a este respeito algumas instrucções.

As oliveiras por mim apanhadas á mão o anno antecedente, mesmo as carregadas, trazem outra vez bastante flor, o que não aconteceria se fossem varejadas, nem de facto acontece ás que o foram.

Sei que isto não convence ainda os da opinião contraria, porque dizem, o que tem este anno de mais, o terá para o anno de menos: no entanto não o espero eu assim; e como heide continuar a apanhar minha azeitona á mão e meus vizinhos provavelmente varejando, combinando as nossas colheitas até hoje com as que tivermos d'aqui em diante, se poderá vir no conhecimento de qual dos dois methodos é preferivel.

Raras vezes é verdadeira uma assersão muito generica: um conselho bom mas mal intendido, e mal applicado, póde produzir maus resultados. Em vista do que tenho dicto parecerá contradictorio o que vou affirmar, se n'este concelho derepente se deixasse o varejo, e sem outra reforma nos olivaes se passasse a apanhar a azeitona á mão em logar de augmentar, diminuiriam as colheitas d'azeitona.

Houve um vicio muito grande na plantação das oliveiras n'este concelho; estão pela maior parte muito bastas, e sua forma é quasi a de pinheiros. A ésta bastidão attribuo eu a pouca azeitona que dão hoje muitos d'estes olivaes, de que se contam grandes sa-

* Ha bastante tempo que este artigo está na pasta da redacção; mas foi guardado muito de proposito para occasião opportuna, que está chegada, da apanha da azeitona.

Da Redacção.

fras em quanto as oliveiras por pequenas e novas não soffriam os inconvenientes da bastidão.

Ora para éstas diversas oliveiras assim bastas, privadas da luz e das beneficas influencias da atmosphera, estou que o varejo além de uma necessidade é um bem, e tanto maior quanto mais barbara e despiedadamente for feito esse varejo: a vara quebrando muitos ramos aonde nem se leva, nem podia chegar a podoa, é muito benefica ás partes que ficam, e torna a oliveira mais aberta, e arejada. D'aqui deve vir a opinião vulgar e que voga entre nós de que a oliveira se quer castigada, e por esse motivo algumas vezes se tem mandado varejar olivaes e deveras sem terem azeitona, e so para beneficio das oliveiras.

Talvez d'este modo se possam conciliar as duas incontradas opiniões dos Srs. Fernando da Costa e joven lavrador de Traz-os-Montes; ambos os Srs. podem ter razão. Se os olivaes em Traz-os-Montes estão como estes de que fallo, razão tem o Sr. joven lavrador, porque n'elles nem é possivel, nem conveniente a apanha á mão.

N'esse caso porém não aprovo que o Sr. joven lavrador não stigmatize com todas as suas forças esse de feito radical: e não existe seus compatriotas a desbatarem suas oliveiras.

É provavel que este fosse o unico motivo do máu resultado que tiveram, que sem mais precauções apanharam a azeitona á mão; para que isso me não acontecesse tenho mandado arranear muitas oliveiras aonde estavam bastas, contando que nas que ficam apanhei mais azeitona e com menos despeza.

Se o meu pensamento de arrancar as oliveiras aonde estam bastas merecer a approvação do Sr. Fernando da Costa, muito estimarei lhe preste o seu apoio para ver se suas razões e pêso de sua auctoridade podem conseguir de meus vizinhos o que não tem podido minhas reflexões, esforços e ultimamente exemplo.

José Nunes da Motta.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XLIV.

Carta de Carlos a Joanninha.

Evora-monte...
de junho 1833.

850 É a ti que escrevo, Joanna, minha irman, minha prima, a ti so.

Com nenhum outro dos meus não posso nem ouso fallar.

Nem eu ja sei quem são os meus: confunde-se, perde-se-me ésta cabeça nos desvarios do coração. Errei com elle, perdeu-me elle... Oh! bem sei que estou perdido.

Perdido para todos, e para ti tambem. Não me digas que não; tens generosidade para o dizer, mas não o digas. Tens generosidade para o pensar, mas não pódes evitar de o sentir.

Eu estou perdido.

E sem remedio, Joanna, porque a minha natureza é incorregivel. Tenho energia de mais, tenho podêres de mais no coração. Estes excessos d'elle me mataram... e me matam!

Tu não comprehendes isto, Joanninha, não me intendes decerto; e é difficil.

Es mulher, e as mulheres não intendem os homens. Sempre o entrevi, hoje sei-o perfeitamente. A mulher não póde nem deve comprehender o homem. Triste da que chega a sabê-lo!..

E d'ahi... antes saber a morte de que se morre, do que expirar na ignorancia do mal que nos matou.

Tu es joven e inexperiente, a tua alma está cheia de illusões doces; vou dissipar-t'as em quanto se não condensam que te offusquem a razão e te deixem escrava cega do maior inimigo que temos, o coração.

Quero contar-te a minha historia: verás n'ella o que vale um homem.

Sabe que os não ha melhores que eu; e tam bons, poucos. Olha o que será o resto!

Tu não ignoras ja hoje o porque fugi da casa materna: sabía-a manchada de um grande peccado, e imaginei-a polluida de um enorme crime.

Esse homem que é meu pae, não o podia ver; hoje que sei o que me elle é... Deus me perdoe, que ainda o posso ver menos!

Minha avó, julguei-a cumplice no crime; ella so o era no peccado. Perdoe-lhe Deus; e bem póde e bem deve, ja que a fez tam fraca. Minha pobre mãe succumbiu por sua culpa, por sua irremessivel complacencia...

Deus póde e deve, repitto; mas eu, como lhe heide perdoar eu este rubor que sinto nas faces ao nomear minha mãe?

Tem padecido e soffrido muito... coitada! A sua penitencia é um martyrio, a sua velhice uma longa paixão, e esse homem que a perdeu um verdugo sem piedade. Mas tudo isso é com Deus, não é commigo.

Eu sou filho; minha mãe morreu sem perdoar — não posso perdoar eu.

E quem me hade perdoar a mim? Ninguem, nem quero.

Não serás tu; minha irman; não, que não deves. Porque eu amei-te com um coração que ja não era meu; acceitei o teu amor sem o merecer, sem o podêr possuir, trahi quando te amava, menti quando t'o disse, menti-te a ti,

menti-me a mim, e não guardei verdade a ninguem.

Mas espera, ouve; deixa-me ver se posso atar o fio d'esta minha incrivel historia — incrivel para ti, bem simples para quem conheça o coração do homem.

Sahi de Portugal, e posso dizer que não tinha amado ainda. Inclinações de criança, galanteios de sociedade, ligações que nasceram da vaidade, ou que so os sentidos alimentam, não merecem o nome de amor.

Eu não tinha amado.

Ha tres especies de mulheres, n'este mundo: a mulher qne se admira, a mulher que se deseja, e a mulher que se ama.

A belleza, o espirito, a graça, os dotes d'alma e do corpo geram a admiração.

Certas fórmas, certo ar voluptuoso criam o desejo.

O que produz o amor não se sabe; é tudo isto ás vezes, é mais do que isto, não é nada d'isto.

Não sei o que é; mas sei que se póde admirar uma mulher sem a desejar, que se póde desejar sem a amar.

O amor não está definido, nem o póde ser nunca. O amor verdadeiro; que as outras coisas não são isso.

Eu vivi poucos mezes em Inglaterra; mas foram os primeiros que posso dizer que vivi. Levou-me o acaso, o destino — a minha estrella, porque eu ainda creio nas estrellas, e em pouco mais d'este mundo creio ainda — levou-me ao interior de uma familia elegante, ricca de tudo o que póde dar distincção n'este mundo.

Extranhei aquelles habitos de alta civilização, que me agradavam comtudo; moldei-me facilmente por elles, affiz-me a vejetar docemente na branda atmosphera artificial d'aquella estufa sem perder a minha natureza de planta extrangeira. Agradei: e não o merecia. No fundo d'alma e de character eu não era aquillo porque me tomavam. Menti: o homem não faz outra coisa. Eu detesto a mentira, voluntariamente nunca o fiz, e todavia tenho levado a vida a mentir.

Menti pois, e agradei porque mentia. Sancto Deus! para que sahiria a verdade da sua bôcca, e para que a mandaste ao mundo, Senhor?

Havia tres meninas n'aquella familia. Dizer que eram as tres graças é uma vulgaridade cansada, e tam bannal que não dá idea de coisa alguma. Tres anjos seriam; tres anjos posso dizer com mais propriedade: e quando em nossos longos passeios solitarios, por aquelles campos sempre verdes, por aquellas collinas coroadas de arvoredo, tapessados de relva macia, os seus vestidos brancos, singelos, simples, trajados sem arte, fluctuavam com a brisa da tarde... e os longos anneis de seus cabellos — os de uma eram loiros, os de outra castanhos, não ha nome para a indefinida côr dos da terceira — quando esses longos anneis descahiam de sua ondada spiral com o orvalho humido do crepusculo — e que a essa luz vaga e mysteriosa eu as contemplava todas tres com a adoração e recolhimento devoto d'alma — sinceramente exclamava: 'São tres anjos celestes que é forçoso adorar!..

E assim é que os adorava os tres anjos, todos tres, e não podia adorar um sem os outros.

Que me queriam ellas, é certo; que insensivelmente se habituaram á minha companhia e ja não poderiam viver sem ella... ai! era preciso ser um monstro para o não confessar com lagrymas de gratidão e de remorso.

Os mais difficeis e delicados apices da perfeição de sua tam caprichosa e tam expressiva lingua, as bellezas mais sentidas de seus auctores queridos, o espirito e tom difficil e perfeito de sua sociedade tam desdenhosa e fastienta, mas tam completa e tam calculada para sublimar a vida e a desmaterializar — isso tudo, e um indefinivel sentimento do *gentil* que so com natural tacto se adquire, é verdade, mas que se não alcansa com elle so — isso tudo o apprendi alli das suaves licções que insensivelmente recebia a cada instante.

Se valho alguma coisa, tudo valho por ellas; se tenho merecido alguma consideração no mundo, toda lh'a devo.

Ves que confesso a divida, verás como a paguei.

O tom perfeito da sociedade ingleza inventou uma palavra que não ha nem póde haver n'outras linguas emquanto a civilização as não apurar. *To flirt* é um verbo innocente que se conjuga alli entre os dois sexos, e não significa *namorar* — palavra grossa e absurda que eu detesto — não significa 'fazer a côrte'; é mais do que estar amavel, é menos do que galantear, não obriga a anda, não tem consequencias, começa-se, acaba-se, interrompe-se, addia-se, continúa-se ou descontinúa-se á vontade e sem consequencias.

Eu *flartava*, nós *flartavamos* ellas *flartavam*...

E não ha mais doce nem mais suave entertenimento d'espirito do que o *flartar* com uma elegante e graciosa menina ingleza; com duas é prazer augelico, e com tres é divino.

Para quem nasceu n'aquillo não é perigoso; para mim degenerou breve aquella placida sensação em mais profundo sentimento.

Veio a admiração primeiro.

E como as eu admirava todas tres as minhas gentis fascinadoras!

E ellas conheciam-n'o, riam, folgavam e estavam incantadas de me incantar.

Fizeram nascer os desejos!

Julguei-me perdido, e quiz fugir.

Não me deixaram e zombaram de mim, da ardencia do meu sangue hespanhol, da vehemencia das minhas sensações...

Em breve eu amava perdidamente uma d'ellas — queria muito ás outras duas; mas amar, amar devéras, d'alma cuidava eu, de coração ia jurál-o, era a segunda — Laura a mais gentil, mais nobre, mais elegante e radiosa figura de mulher que creio que Deus moldasse n'uma hora de verdadeiro amor de artista que se dignou tomar por esse pouco de greda que tinha nas mãos ao creál-a.

(Continúa.) *A. G.*

ESPECTACULOS.

THEATRO-NACIONAL.

MIGUEL ANGELO BUONAROTTI, drama em 5 actos e 1 prologo, pelo Sr. Mendes Leal—decorações do Sr, Rambois e Cinatti.

851 Ninguem pense, que vou proferir um juizo critico sôbre o drama Miguel Angelo. — Quem tal fizesse sob a impressão de uma primeira representação palpitante sempre da perplexidade do effeito, da excitação do momento, commetteria uma empresa certamente muito difficil, e temeraria, e porventura até desassizada. Não me arrojo a tanto. Exporei somente algumas ideas geraes que me suscitou o drama, ao vel-o em scena pela primeira vez.

A acção principal vem comprehender-se n'estas poucas palavras. Os transes da angustia, que fez soffrer a Miguel Angelo um amor ludibriado, e desprezado, operaram na alma do então ainda joven artista, uma revolução moral — d'estas, que as grandes crises produzem no espirito-humano. Atirou-se ás regiões da arte. Vinte annos da sua vida passou-os na aula de esculptura, a sós com os seus discipulos. Encontrou entre estes um com quem repartir o calix do infortunio, que tragava gota a gota, no meio das palmas, e victorias, que lhe grangeava o seu *genio* — espanto d'aquella idade, e ainda hoje de todo o mundo. Padeciam, elle e o discipulo, ao mesmo tempo, e pela mesma causa igual martyrio. Determinou-se Miguel Angelo a protegel-o com o seu ja valiosissimo poder. Passados grandes trabalhos, vencidos graves perigos e embaraços, que formam principal parte do entrecho dos últimos quadros do drama, chega a lograr bom resultado dos seus desejos e reconhece na dama, que o discipulo servia e amava, a sua filha, que ja cria morta, e fôra o fructo unico dos mal-aventurados amores da sua mocidade.

O drama tem muitas e grandes bellezas d'arte Citarei o vigoroso dialogo de Miguel Angelo com Estephana, no momento, que ella vai dar a outrem a mão de esposa, a nobre e solemne invocação, que o grande mestre faz, quando larga o escopro, e empunha a espada para ir pelejar pela patria, ante o aspecto magestoso da sua estatua de Moysés, — d'este maior, e mais admiravel emblema da fôrças, da severidade e do podêr; sôbre tudo aquellas tam fortes, e tam eloquentes scenas da duqueza Contarini (Estephana) com o servo Ruggieri, e a declaração que faz Bianca, de que ama a Benvenuto, *porque se ella tem* como patricia, *a nobresa, que s'espera, e se herda, elle tem*, como artista estremado e soldado valente, *a nobresa, que se ganha, e se deixa*. O final do último acto — e muitas outras excellentes scenas, que, como ja disse, não é possivel tomar de memoria na primeira impressão do momento, dariam de per si sós bastante documento do illustre talento do Sr. Mendes Leal, se elle não fosse ja reconhecido pelo mais distincto entre os vavios talentos juvenis, tambem de altas esperanças, que se applicam a similhantes trabalhos.

Mas ésta justissima consideração não será parte para que eu deixe de fazer igualmente algumas advertencias sôbre um, ou outro descuido, que a meu ver s'encontra no drama; o que na verdade era quasi inevitavel n'uma obra com tal titulo, a qual so o emprehendel-a, intendo, que foi ja um commettimento grande, e ousado. O traçado geral do drama não me parece o melhor. Conhece-se facilmente, que reduzida a sua fôrça a menos quadros do que os que tem, haviam d'estes ficar mais *cheios*, e de muito maior realce o todo d'elles. Assim como está, o IV e o V quadro especialmente, resentem-se de um certo desinvolvimento, do nimia extensão, que, talvez ao ler se o drama no gabinete não o pareçam mas ao verem-se representar torna-os menos agradaveis, que os outros quadros.

Ha alli scenas, como a de Abry com Minette, e a do artista Ornano embriagado, no 4.° quadro, que julgo não serem muito adaptadas ao genero, e gravidade d'este drama. Podem-se é certo, exprimir alguns bons exemplos em prol da propriedade de taes scenas; mas eu quizera vêr antes d'esta vez seguidas as regras. As exigencias, que Ruggieri faz á Duqneza Contarini, no 3.° quadro, figuram-se-me bastantemente faltas de fundamento. É esta, ja o notei, uma das mais bellas, a melhor, quanto a mim, das scenas do drama. Faz deveras pena, que seja inverosimil em tanto extremo. Mas realmente — a Duqueza quando diz: « Pois eu hei de assentar ao meu lado, aquello que nasceu aos meus pés » tem muita razão; — porque nada ha de feito, que justifique a ousadia inaudita de Ruggieri a querer para esposa. Tambem não convinha pouco evitar aquella subita mudança da resolução, em que estava Miguel Angelo, de não querer pintar a capella Sixtina, porque é sim forçosamente exagerada; mas não faz bom effeito esta exageração. A alguns ouvi acoimar o caracter de Miguel Angelo de orgulhoso em demasia. Não tenho esta opinião por muito boa. Miguel Angelo, no meu intender, *devia* ser orgulhoso. É preciso lembrarmo-nos de que a posteridade gravou sôbre o tumulo d'este homem extraordinario como pintor, como esculptor, como architecto, co-

mo poeta, e como homem d'Estado um epitaphio, que diz:

Michel piu che mortal Angiol divino.

Da execução direi pouco. O Sr. Epifanio ja como ensaiador, ja como actor na difficil parte de Miguel Angelo tornou-se, como de costume, credor do favor, e applausos, com que o publico merecidamente o accolheu. Na parte de 'Ruggieri' o Sr. Theodorico tambem se distinguiu por maneira, que satisfez completamente a idéa, que todos formam da sua capacidade. Na Sr.ª Talassi parece-me justo notar certa exageração no sentimento, ou talvez uma pouca de *intenção*, mais do que convem, em algumas palavras. De resto todos os actores, sem excepção, mostraram, mais ou menos, terem estudado e comprehendido os seus papeis. *

Repito que ninguem tome estas observações na conta de um juizo critico, e exacto do drama. As advertencias, que fiz, foram do coração, e com a mão na consciencia. Não tenho, que pedir desculpa d'ellas ao insigne auctor do — Miguel Angelo — que não é, nem felizmente se parece com nenhum d'esses espiritos magrissos e mesquinhos, que por ahi ha, para os quaes são sabios e *notabilidades* os que os lisongeam, e ás suas ruins obras, e zoilos e pedantes todos os que lhes fazem a critica litteraria com verdade e lisura, sem se torcer por amores, nem por odios.

J. M. Campêlo.

POESIA.

A MADRUGADA.

852 Enrolando-se vai la no occidente
O condensado veu, e negro manto,
Que d'estrellas recamado
Desdobrado tinha a noite;
Pois que surgindo vem la do nascente
O luminoso sol, dourando
As altas serras, e despidos valles:
Cristalinas fazendo as aguas puras
Do ribeiro que da rocha,
Entre seixos deslizando
Aos campos fertiliza e tras verduras.
A verde fragil relva melindrosa,
Na qual brilhante orvalho tem pousado,
Vê fugir pelo zefiro levado
O pranto que a tornava radiosa.
A mimosa e linda flor
Em si recata as lagrymas da aurora;
E fragante, altiva e bella,
Escarnece dos prados o verdor.
O lyrio do campo á beira
No limpido regato se retracta;
E dos ventos agitado
Nas aguas vive té qu'o tempo o mata.
Borbuletas multicores
O nectar vão libar das lindas flores.
Parda rôla gemedora
D'antigo cedro nos copados ramos,
Mui saudosa as saudades vai rolando.
Dos bosques o cantor harmonioso,
Contente, e ledo canta seus amores.

Lisboa 14 settembro 1846.

Ayres Pinto de Sousa.

* O nosso illustre collaborador nada nos diz sôbre a Sr.ª Emilia que faz na peça a parte de Bianca. O relevo d'esta parte não é comeffeito de natureza a tornar sensivel o silencio que sôbre ella se guarde; mas o nome da artista... o nome da artista é que não póde esquecer nunca. A Sr.ª Emilia tirou quanto partido pôde da sua pequena parte. Parece que a illustre artista se descansolára com ésta pouca importancia do papel de Bianca. Se pensarmos não lhe acharemos razão. Pois quem havia ahi senão ella, que podesse seduzir e apaixonar um artista como Benvenuto Cellini? Quem mereceria senão ella, que a seu favor offerecesse Miguel Angelo todo o merito das maravilhas do seu trabalho na capella sixtina? Eu acho que a Sr.ª Emilia foi muito bem escolhida para este papel, senão pelo lado artistico decerto pelo lado physico.

Da Redacção.

VARIEDADES.

O JURAMENTO DE HIPPOCRATES.

853 Este *juramento* é um dos mais preciosos monumentos da literatura grega, attendendo á elegancia da fórma e elevação das idéas; é a peça mais antiga, a mais veneravel dos archivos da familia dos Asclepiades. É provavel que a formula se tenha perpetuado por tradicção tal qual Hippocrates definitivamente a redigiu, e nós hoje a possuimos. As auctoridades mais imponentes, as provas mais irrecusaveis concorrem a favor da sua authenticidade. Aqui está a formula d'este juramento notavel:

«Juro por Apollo medico, Esculapio, Hygia e Panacea, tomo por testemunha todos os deuzes e deuzas, para cumprir fielmente tanto quanto eu possa e dependa da minha inteligencia, este juramento e promessa escripta, olhar como meu pae o que me tiver ensinado a arte, cuidar na sua subsistencia, satisfazer liberalmente ás suas necessidades, considerar seus filhos como meus proprios irmãos, ensinar-lhes a arte sem estipulação ou salario, se elles a quizerem estudar: communicar os preceitos vulgares, os conhecimentos secretos e toda a doutrina aos meus filhos, aos de meu mestre, aos adeptos que se tiverem alistado, e que tiverem prestado juramento segundo a lei medica, mas a nenhum outro. Farei uso, conforme minha auctoridade e meu discernimento, do regimen dietetico em alivio dos doentes; afastarei tudo quanto possa ser-lhe nocivo, bem como toda a especie de maleficio; nunca administrarei remedio mortal a ninguem, por mais solicitações que se me façam; nunca serei auctor de similhante conselho; não darei ás mulheres remedio abortivo. Conservarei minha vida pura e sancta assim como a minha arte. Não praticarei a *operação da talha*, mas enviarei os calculosos aos individuos que especialmente se occupam d'esta operação. Em todas as casas aonde entrar será para aliviar os doentes, conservando-me puro de toda a iniquidade voluntaria, abstendo-me de toda a qualidade de devassidão, privando-me de todo o commercio vergonhoso

ja como as mulheres, ja com os homens ou elles sejam livres ou escravos. As cousas que vir ou ouvir no exercicio da minha arte, ou fóra da minha profissão no tracto civil, e que não devam divulgar-se, eu as calarei como segredos inviolaveis.

«Se cumprir meu juramento, se não faltar, possa eu ter dias felizes, colher os fructos da minha arte, ser honrado por todos os homens, e pela posteridade a mais remota; mas, se violar meu juramento, eu seja tido como perjuro, e tudo em contrario me succeda.»

A invocação, a exposição, e a imprecação, sem duvida que são o modelo das considerações que socialmente deviam ornar aquelles que exerciam a arte de curar. O que a antiguidade tanto respeitou, em epochas mais posteriores tem cahido no esquecimento, e hoje uma grande parte dos medicos e cirurgiões abandonam a ardua tarefa do estudo da sua arte; julgam chimerico o conceito que d'ahi lhes póde provir; buscam a politica uns, outros o servilismo: e d'esta fórma, talvez entre nós venha a acontecer o mesmo que fez expulsar os medicos de Roma.

Lisboa 2 de outubro de 1846.

A. M. Brilhante.

OS BANHOS DO MAR.

854 Quem morar sôbre as margens do Tejo, e na estação presente chegar pela manhãa cedo á sua janella, estender os olhos pela azulada planicie daquelle magestoso rio, vir romper della um cardume de cabeças e caras humanas, grandes e pequenas, machas e femeas, velhas e moças, feias e bonitas, julgará se tiver imaginação poetica, que os Tritões, as Nereidas, as Sereas, e toda a mais caterva de divindades maritimas escolheram aquelle sitio para folgarem, e retouçarem á sua vontade: pelo contrario quem fôr devoto, e dado a licção da Biblia julgará tremendo de medo que Deus determinou castigar a terra com um novo Diluvio Universal, e que as aguas ja tem apanhado em suas redes fluctantes aquella multidão de gente, e que em breve invadindo a terra virão buscar o resto dos animaes bipedes e quadrupedes, pensantes, e não pensantes que a povoam!

Felizmente o caso não é tão feio. Deus não se esquece da promessa que fez aos homens quando estendeu o seu arco das nuvens, e jurou que a terra não soffreria um segundo Diluvio; e quanto aos Tritoes, Nereidas, Amphitrite, Salacia, Panopea, Galathea, Glauco, Palemon, e toda a mais côrte, ou cerulea companhia de Neptuno, como lhe chamou Camões, depois que a moda do Deus verdadeiro fez emudecer os oraculos, esconderam-se para sempre na mais profunda caverna do oceanno, e não ousam de apparecer senão nos versos de algum poeta classico.

Todas essas cabeças, que rompem do manto glacico do Tejo, são todas de banhistas femeas e machos, que tem o bom gosto de todas as manhãas saltarem da sua cama, onde dormiam muito quentes, e agasalhados, para irem mergulhar-se na agua fria em risco de apanharem uma constipação, ou um pleuris, que os rape em poucos dias. São estas boas almas, que povoam não so as praias da Margueira, de Cacilhas, do Caramujo, do Alfeite, de Pedroiços, de Caxias, de Paço-d'Arcos, e Oeiras, mas até as lodacentas, e immundas praias do Jardim do Taboco, dos estaleiros da Boa-Vista, do Caes do Tojo, praias de Sanctos, caes de Manuel Ribeiro, e Alcantara, impregnadas de toda a immundicie, e enxovedo, que vomitam as cassas de despejo da cidade, isto sem fallarmos nas duas enormes barcassas, que fluctuam como duas arcas de Noé defronte do Terreiro do Paço!

E qual será o motivo que arroja todos os dias á agua tamanha multidão de gente? que fogo os abraza, e lhes faz procurar esse refrigerio? Estamos certos que os banhistas responderão em choro a esta interrogação — que as suas molestias. Mas estaremos nós em tempo de contagio? so um contagio poderia accommetter a um tempo tamanho numero de pessoa, sendo muito para notar que essa molestia contagiosa não ataque os moradores do centro do paiz, e valha-nos isso, alias não tendo agua-salgada em que banhar-se, pereceriam mais victimas d'ella que as da cholera-morbus, ou da febre amarella! A verdade é que a voga dos banhos do mar provém de duas cousas: a moda, e a galantaria; isto não é dizer que não haja um pequeno numero de casos, em que os banhos do mar possam ser uteis, e até necessarios, mas esta regra não póde aproveitar a tão grande multidão de pessoas, com espécialidade do sexo femenino.

Os banhos do mar são uma especie de funcção, ou romaria, com que as meninas se divertem, e muito mais quando os banhos do mar são accompanhados de idas para fóra da terra. É nessas occasiões que o bioco dos paes, e o ciume dos maridos teem de ceder por força á voz imperiosa do facultativo, que diz *precisa banhos do mar, e quanto antes.*

Mas, dirá alguem, como é possivel que os facultativos ajudem para isso? responderemos com o que ha annos nos disse um medico nosso amigo, homem de bom senso e sincero. «Que heide eu fazer, sendo chamado a uma casa a quem sirvo, e que me paga bem, quando se me apresenta a dona, ou a filha da casa, e depois de se me queixar de mil padecimentos, que eu vejo perfeitamente que ella não tem, conclue: Sr. Douctor, eu não posso passar sem ir para fóra da terra, ou sem tomar banhos do mar, alias morro infalivelmente! Se lhe disser que não precisa de remedios, que desfructa perfeita saude, que os banhos do mar so aproveitam aos catraeiros que conduzem os banhistas! é o mesmo que perder o partido, ser acclamado charlatão, ignorante e assassino, e como ellas fallam umas com as outras, tramam logo entre si persuadirem os maridos e paes para que não chamem um medico, que não as deixa ir passear pelas estradas, pelos jardins, e pelos quintaes, e fallar aos amantes nas praias! E como eu não tenho outra enchada, é preciso favorecer esta mania, e va por conta dos paes e dos maridos, que em último resultado é quem paga estes caprichos com dinheiro e talvez mais ainda.»

Eis aqui o que dizia o meu amigo, e é natural que muitos outros facultativos podessem dizer o mesmo se fossem tão sinceros como elle. Não afirmâmos porém que todas as senhoras, que tomam banhos, o façam por estes motivos; muitas ha que vão aos banhos por que vêm ir as suas vizinhas, e não querem ficar a traz; outras porque assentam que o toma-los lhes dá certa consideração aristocratica, que lisongea a sua vaidade; e a vaidade é a alma e tres quartos da essencia das mulheres!

Em todos os tempos tem havido remedios univer-

saes, que se applicam á toa para toda e qualquer molestia: Curvo Semmedo, dava a todos os seus doentes *pós de quintilio, ou estibio preparado.* Os seus discipulos além do estibio receitavam sem hesitação o Bezoastico da invenção do mesmo Curvo. Veiu outra eschola, e receitou tartaro emetico para toda a infermidade. Hoje reinam os banhos do mar, a agua ferrea, e leite de burra.

Antigamente pouca gente tomava agua-ferrea, e leite de burra so os tizicos, e agora não ha senhorita do tom, que não faça uso do tal leite, de modo que se um extrangeiro, que não saiba a nossa extravagancia, chegar a Lisboa, e vir todas as praças occupadas por burras de leite, e tantas burras de leite percorrendo todas as ruas, e bairros da capital, persuadir-se-ha, e com razão, que estão arruinados todos os pulmões, e bronchios dos lisbonenses. Mas tirem-se as passiatas obrigadas a estes remedios, e verão logo como convalescem todas estas infermas.

É cousa muito antiga o quererem as senhoras tomar remedios para se divertirem. Ja o grande poeta dramatico Frey Lopo Felix da Vega Carpio em a sua comedia intitulada — *A agoa ferrea de Madrid*, atacou graciosamente esta estravagancia. Apparece nessa comedia uma rapariga, que não podendo fallar ao seu amante, e vendo-se apperreada por uma thia beata e vigilante, se finge opilada, e a morrer de melancholia. Um creado do amante appresenta-se com o caracter de medico, e receita á menina agua-ferrea, e passeio todas as madrugadas: toma a menina o remedio, e vae acompanhada pela thia-cerebero, e o resultado é que havendo continuados encontros com o amante e os amigos do amante, *La nina* melhora da opiliação, mas inferma de uma hydropesia... para cuja cura é necessario casal-a, e *La duena*, torna-se tão louca, e namorada como ella, e em vez de vigial-a, favorece o contrabando.

Finalmente as modas variam, como variam os costumes, as opiniões e as baldas dos homens; passaram as popas riçadas, os pós, as cabeleiras, as coifas de fitas, os donaires, as anquinhas, e as casacas redondas; passaram os espadins e os capotes de toda a roda; esqueceram as romarias a San'Macario, as patuscadas na quinta do coixo, no Dafundo, e em Braço de Prata; acabaram os jantares dos tafues nas immundas espeluncas dos pasteleiros; morreram as pulhas, as laranjadas e enfarinhadellas do entrudo que nos faziam passar por barbaros na opinião da Europa; o progresso, e a civilisação levaram o aceio, e a limpeza até as lojas dos çapateiros, e aos açougues, que so eram lavados e varridos de sabbado de aleluia, ao sabbado de aleluia do anno seguinte, e é de esperar que tambem passem a agua-ferrea, o leite de burra, e os banhos do mar; mas serão substituidos por novas estravagancias, por que é da natureza do homem o passar de erro para erro, e de ridiculo para ridiculo.

C.

COREIO NACIONAL.

355 As 27 freguezias da capital teem 6,416 fogos, e as 6 freguezias do termo teem 7,290 fogos; total; 53,706 fogos na cidade de Lisboa e seu termo.

Fazem-se todas as diligencias para que no dia 29 do corrente possa ir á scena no theatro-nacional 'o drama de grande espectaculo 'Os mosqueteiros' traducção do francez.

O Sr. Corradini, a quem foi adjudicada a empreza do theatro-italiano, deve partir no dia 9, em direcção á Italia com o fim de escripturar a companhia. O theatro não se poderá abrir antes dos principios de dezembro.

As actrizes do theatro de D. Maria II, parece que vão emigrando para o Gymnasio. A Sr.ª Levi ensaia alli uma peça, por signal que me não parece propria para o seu genero. A Sr.ª Velutti debuta alli brevemente. A Sr.ª Josephina diz-se que está em ajustes de escriptura.

Necrologia. — No mez de settembro ultimo falleceram em Lisboa: maiores 343 menores 256; total — 599.

No dia 4 entrou de Gibraltar o vapor de guerra inglez com 175 passageiros.

No dia 30 do passado foram amortizados na juncta-do-Credito-publico, com as solemnidades do estylo 274:200$000 rs., valor de inscripções e papel-moeda.

Parece que no mez de settembro sahiram da barra do Porte mais de 500 emigrados para o Brazil.

Por decreto do 1.º do corrente foi prorogado o curso forçado das notas do Banco até ao ultimo do corrente anno.

Por decreto da mesma data foi igualmente prorogada, pelo mesmo praso, a moratoria concedida á companhia Confiança-nacional.

Na 'Assemblea-philharmonica' deu-se sabbado (3) a opera dos *Dois Foscari*, toda inteira. A execução foi digna de todo o louvor. Nem por ser em sala, a bella musica de Verdi, ja de si tam expressiva; deixou de brilhar algumas vezes com aquella expressão de canto que ella tanto demanda na scena. A massa de coros era nnmerosa e de um complexo perfeito. Esta *soirée* musical foi muito concorrida e magnifica.

Praça-de-Lisboa. — Na semana última fizeram-se algumas transacções em fundos-publicos; houve poucos compradores ás acções de companhias. O mercado esteve froixo. O agio das notas depois de grande fluctuação, sempre para mais, ficou a 400 réis. O preço dos metaes foi egual ao da semana antecedente. Os fundos-publicos sustentaram o preço. Desceram as acções do Banco-de Lisboa e Porto, e da União-commercial.

No dia 1.º entrou o paquete do Mediterraneo (vapor inglez Madrid) com 42 passageiros. Sahiu no dia 2 para Inglaterra com 108 passageiros.

No dia 4 do corrente entrou o paquete a vapor *Queen*, de Inglaterra em 5 dias e 12 horas com 86 passageiros, e sahiu no mesmo dia para Gibraltar com 47 passageiros. Trouxe folhas de Londres até 26 de settembro, e de Paris até 25. Os fundos portuguezes ficavam a 42 na praça de Londres.

Passageiros. — No mez de settembro ultimo entraram o Tejo, 996 passageiros, extrangeiros e nacionaes; sahiram 1,088.

Movimento da barra. — No mez de settembro ultimo entraram no porto de Lisboa 210 embarcações e sahiram 221; d'estas são 159 portuguezas entradas e 163 sahidas, de guerra entrou 1 e sahiram 3, da 1.ª classe entraram 46 e sahiram 18, da 2.ª entraram 113 e sahiram 132; as outras embarcações (entradas) são: inglezas 19, norweguezas 6, francezas 3, suecas 3, brazileiras 3, dinamarquezas 3, austriacas 2, russas 2, americanas 2, hollandezas 2, hamburguezas 1, hanoveriana 1, belga 1, sarda 1; de guerra entrou 1 ingleza e 1 hispanhola.